

O PROBLEMA COMUNISTA E A SEGURANÇA NACIONAL

Palestra realizada pelo General-de-Brigada João Punaro Bley, Comandante da ID/4, para os Oficiais e Praças da Guarnição Federal de Belo Horizonte.

24 de novembro de 1961.

IN MEMORIAN

"A memória dos reis é fraca, mas a do povo é muito mais ainda".

Esta frase, que li algures, ajusta-se ao dia de hoje, quando, respeitosamente, reverenciamos a memória de companheiros miserável e covardemente assassinados na sinistra madrugada de 27 de novembro de 1935.

Dizemos que se ajusta porque, não fôsse a teimosa vigilância das Forças Armadas em avivar os sentimentos cívicos do País, no comovido preito aos que, integrantes de seus quadros, carne de sua carne, tombaram e defendendo-o no cumprimento do dever, estariam de longa data e para sempre esquecidos, na relatividade temporal dos homens, das coisas e das idéias, pranteados, apenas, pelas suas enlutadas famílias. O Tempo, esta esponja cruel que tudo apaga, incumbir-se-ia de jogá-los no ostracismo, no grande naufrágio das coisas despercebidas.

Esta palestra, que nada tem de original, é uma homenagem que lhes prestamos, um preito de gratidão, uma demonstração de que não se sacrificaram em vão.

Outras mãos, prontas para o mesmo gesto heróico e desprendido, levantarão as armas caídas na refrega e as conduzirão vitoriosas, contra os mesmos inimigos de ontem, "inimigos de portas adentro, que nos afrontam e nos atacam dentro da nossa própria casa", com os mesmos propósitos de outrora — o aniquilamento completo e absoluto de tudo aquilo que secularmente aprendemos a amar e a cultivar.

Além de determinação ministerial, é um imperativo de consciência, um dever de chefe para com seus camaradas, notadamente os mais jovens, aqueles que, mais cedo ou mais tarde, terão sobre seus ombros a árdua missão de chefia.

É um alerta para as componentes de um grave problema que está presente, que não pode ser ignorado, problema que poderão ou poderemos vir a enfrentar e, estou certo, absolutamente certo, com a mesma determinação, com o mesmo espírito de sacrifício de que estavam possuídos os saudosos e inesquecíveis camaradas que nobremente, heróicamente, tombaram para sempre, vítimas da violência e da traição.

ESTRATÉGIA GLOBAL

Sejam quais forem os disfarces e os processos, os adeptos do comunismo perseguem invariavelmente os mesmos objetivos, os mesmos fins: a conquista do poder, para exercê-lo despoticamente, pela infiltração de suas idéias, seguida da insurreição ou da guerra revolucionária, “forma suprema da luta de classes”, no dizer do próprio LENINE.

Neste propósito a UNIAO SOVIÉTICA, prestigiada, engrandecida e fortalecida pela vitória dos ALIADOS, na Segunda Guerra Mundial, vem desencadeando, em tôdas as direções, poderosa e tenaz ofensiva, cujo perigo não pode ser subestimado.

Baseada na doutrina de ação de CARL MARX — “Não se trata de conhecer o mundo, mas de transformá-lo” — fácil será verificar, pelos acontecimentos que diàriamente presenciamos, que, embora apresentando aspectos fragmentários, constitui ação de longa duração e a longo prazo.

Abandonada, aparentemente, a hipótese de uma guerra, pelos perigos e incertezas que possa apresentar, a ação de penetração que a Rússia atualmente exerce é, medularmente, uma guerra política.

Esta guerra, que não mais se processa contra a EUROPA, pelo menos com a intensidade desejada por STALIN, hoje execrado pelos seus comparsas, tem como campo de ação regiões de condições econômicas difíceis, de governos instáveis, regiões que ela considera propícias a condições de sucesso nas suas sinistras intenções.

Assim, a direção do seu esforço se faz sentir:

- NO ORIENTE MÉDIO, pelas suas riquezas petrolíferas e vantagens estratégicas da sua posição geográfica, na hipótese de um conflito.

- NO SUDESTE ASIÁTICO, pela “desbritanização” de antigas colônias, ricas em borracha, estanho e tungstênio.

- NO CONTINENTE AFRICANO, pelos pruridos de independência que animam os seus povos, cujo ódio ao branco é hábilmente explorado.

- NA AMÉRICA LATINA, região de grandes desigualdades econômicas, pelas suas vinculações políticas, econômicas e culturais com o OCIDENTE.

Diversificada ao extremo, segundo as circunstâncias e oportunidades, esta ação de penetração de suas idéias, preparatória da insurreição, como adiante veremos, apresenta as seguintes características gerais:

- PLASTICIDADE, ou seja, adaptabilidade a condições locais e possibilidades do momento.

- CONTINUIDADE: demonstração concreta e permanente de ativismo por parte de dirigentes locais.

- FLEXIBILIDADE: diversificação de atividades nos campos político, social e econômico.

Seus fins são os seguintes:

- Isolamento do OCIDENTE CAPITALISTA.

- Posse progressiva de fontes tradicionais de aprovisionamento de matérias-primas básicas.

— Criação de terrenos favoráveis à propagação da ideologia marxista.

— Conquista do poder.

Os meios ao seu serviço, variados, numerosos e poderosos, são:

— NO² DOMÍNIO TÉCNICO: divulgação intensiva do desenvolvimento da sua potência industrial, do crescimento das suas possibilidades, de sua riqueza em técnicos.

— AÇÃO DIPLOMÁTICA: suporte da penetração econômica, comercial e cultural.

— FORMAÇÃO DE TÉCNICOS E BÔLSAS DE ESTUDOS PARA ESTUDANTES DOS PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS, cujas elites vêm se mostrando muito mais permeáveis às concepções marxistas do que propriamente o homem comum.

A Rússia, abandonando sua tradicional política de isolamento, além das representações diplomáticas dos países satélites, mantém, atualmente, cerca de 60 embaixadas e legações providas de pessoal numeroso e hábil, elementos de que ela dispõe para informá-la e orientá-la quanto às possibilidades de ação.

A penetração comercial se explica pelas próprias palavras do seu atual dirigente: "Temos interesse no comércio, não por motivos econômicos, mas pelo que ele representa como valor político".

Examinados, embora de relance, os traços marcantes da estratégia global da penetração marxista, passemos, agora, para terreno que particularmente nos interessa, a AMÉRICA LATINA e, conseqüentemente, o BRASIL.

ESTRATÉGIA PARA A AMÉRICA LATINA

A UNIÃO SOVIÉTICA está convencida de que a grande força dos ESTADOS UNIDOS, e também sua grande fraqueza residem na AMÉRICA LATINA.

Enquanto ela viver no campo de atração daquele país, outras regiões subdesenvolvidas do mundo sofrerão do mesmo fenômeno.

Se, ao contrário, um cisma político separar as AMÉRICAS, como ocorre atualmente com CUBA, o OCIDENTE sofrerá surpreendentes defecções, uma vigorosa afirmação de neutralismo, altamente conveniente aos seus propósitos de conquista e domínio.

Nestas condições, em batalhas sucessivas, ela busca a ruptura da unidade hemisférica, o enfraquecimento político, o desequilíbrio econômico deste vasto mundo instável que vai da TERRA DO FOGO até o RIO GRANDE DO MÉXICO.

Este trabalho de destruição do espírito do OCIDENTE, da sua moral, das suas idéias capitais, dos seus valores históricos, trabalho tenaz e permanente, que sofre constante revisão, não mais leva em conta, fundamentalmente, a doutrina comunista em si mesma, mas oportunidades; não mais os princípios, mas as experiências do êxito ou do fracasso das

campanhas anteriores, notadamente o das intencionadas isoladas, levadas a efeito no BRASIL, em 1935, e em BOGOTÁ, em 1948, consideradas pelos maiores do comunismo como “desvios da esquerda”.

Dentro desta concepção oportunista, vivaz e solerte, o comunismo, entre nós, dedica-se concentradamente à exploração de domínios que se confundem com as aspirações nacionais e ambições pessoais, sempre presentes em todos os momentos da vida nacional.

Para os descontentes, os frustrados, acena com o esplendor da “soi-disant” revolução igualitária; para os que desejam subir espetacularmente na política, o apoio das frentes ou das ligas populares, onde há sempre oportunidades, para cada militante, de se tornar um líder ou um caudilho, para o homem rural, a posse da terra que não é sua e que precariamente cultiva; para as classes trabalhadoras e funcionários, a rápida elevação do padrão de vida, através de intermináveis e sucessivas campanhas pró aumento salarial; para o orgulho nacional, os movimentos de libertação, pelo combate sistemático ao capital estrangeiro, dito colonizador; para a mocidade estudantil, tão impressionável nas suas aptidões de percepção e de inteligência, as monumentais demonstrações dos festivais da juventude, meticulosamente organizadas pela UNIÃO INTERNACIONAL DE ESTUDANTES e pela FEDERAÇÃO MUNDIAL DA JUVENTUDE DEMOCRÁTICA, além de bolsas de estudos; para as elites, as espetaculares realizações dos seus cientistas, notadamente no campo espacial, a constatação visual do seu progresso e dos governos socialistas associados; para as ânsias do progresso a rápida industrialização, mesmo com a desorganização de outras atividades econômicas; para as almas simples, o eterno problema da paz, da coexistência pacífica, do espírito de GENEBRA; para as massas, finalmente, o rancor contra a desigualdade econômica, infelizmente existente.

Dêse modo, a penetração ideológica não é mais procurada, como outrora, pela conquista global da massa operária urbana, melhor amparada e mais esclarecida, mas pela conquista de adeptos nos meios intelectuais e artísticos; na vida universitária; nas organizações estudantis; no funcionalismo; nos sindicatos, onde sempre existem elementos conhecedores da legislação trabalhista, homens que sabem em que portas devem bater, para as agitações de classes; nos setores mais ingênuos, ambiciosos ou oportunistas da classe média; no meio rural, precariamente amparado e, finalmente, nas alas esquerdas dos partidos políticos com tendências esquerdistas.

Procurando demonstrar que todos os males decorrem do capitalismo — citando o capital estrangeiro sistematicamente em primeiro lugar — seus porta-vozes têm-se empenhado no sentido de adormecer a opinião pública, afirmando que o principal não é o combate sistemático e direto ao comunismo, de pouca expressão em um país reconhecidamente católico; que o melhor meio de combatê-lo reside na rápida melhoria das condições de vida das massas assalariadas, não pela produtividade, mas pelo aumento da pressão inflacionária. É que sabem que, quanto maior ela fôr, maiores serão as desigualdades econômicas; quanto maiores forem

os recursos governamentais empenhados em atender reivindicações salariais, menores serão as possibilidades de atender as necessidades básicas do povo e, com isso, maiores serão as oportunidades de eclosões de desordens sociais, propiciadoras da insurreição armada.

A miséria, o descontentamento, o amargor, a frustração nacional, a elevação incompatível do custo de vida, a desordem financeira, a desordem econômica, a desvalorização da moeda, o círculo vicioso dos males nacionais, propiciarão, então, excelente caldo de cultura para a conquista de novos adeptos, além de levar o povo a descrer da democracia, como forma de governo capaz de enfrentar e resolver os graves problemas nacionais pendentes de solução.

Numa mescla de doutrina e de corrupção, de exploração da piedade e da compaixão pelas dificuldades dos menos favorecidos, procuram por todos os meios, implantar e sistematizar a desordem em todos os setores da vida nacional e, assim, criar condições de êxito e oportunidades que lhes permitam empolgar o poder para exercê-lo despoticamente.

A prova evidente dos seus propósitos, encontramos-na neste amor repentino e suspeito pelo homem do campo, na verdade digno de melhor amparo. Acenam-lhe com a posse da terra que não é sua; incutem-lhe falsamente que o latifúndio é um MAL e que o minifúndio é um BEM; que a divisão pura e simples da terra produzirá toda sorte de milagres.

Omitem-lhe, porém, que tudo que prometem não passa de uma grande mistificação, pois sabem que na Rússia e nos países por ela dominados não há propriedade territorial privada, que o Estado é o dono da terra. Que assim sendo, a posse da terra que êle conseguir, à custa da propriedade alheia, terá caráter efêmero pois voltará para o domínio do Estado, no dia da vitória dos seus ideais, quando será trabalhada sob o regime das chamadas granjas coletivas, os KOLKOZS e SOVKHOZS. Não lhe dizem que nelas terão que trabalhar obrigatoriamente, como no tempo da escravidão, sem qualquer opção, como está acontecendo na ALEMANHA ORIENTAL, onde os "lavradores que se retiram das fazendas coletivas do Estado, para tentar arrancar o sustento de um pequeno trato de terra, foram condenados até cinco anos de cárcere" (CORREIO DA MANHÃ de 15 do corrente).

Fingem ignorar o que se passou na Rússia, quando da expropriação da terra e da sua divisão, segundo testemunho insuspeito de um dos seus economistas (SERGE GASCHKEL), que afirma no seu livro *LES MECANISMES DES FINANCES SOVIETIQUES*: "As autoridades públicas fizeram um estudo aprofundado da questão. Era urgente achar uma solução para a crise e concluíram que a causa residia na própria economia rural, notadamente, na existência do minifúndio. Enquanto as terras permanecessem extremamente divididas em 25 milhões de estabelecimentos, não se poderia esperar nenhuma melhoria da produção. Para elevar o nível da produção agrícola era preciso começar pela concentração da terra. E foi o que fizeram, com as grandes explorações agrícolas coletivas, chamadas KOLKOZS e SOVKHOZS".

Impossível negar o ativismo desta fase que estamos vivendo, sua profundidade, a influência e a atração que exerce, a ação desagregadora que está promovendo, justamente quando estamos procurando sair, a duras penas, do primitivismo geográfico e geopolítico para os amplos horizontes da civilização industrial.

Negá-lo é negar a luz do Sol.

A INSURREIÇÃO OU A GUERRA REVOLUCIONÁRIA

A teoria da insurreição, como "forma suprema de ação revolucionária", vem sendo cuidadosamente estudada e constantemente revista por especialistas militares russos e chineses.

Ainda recentemente, o Ministério da Guerra da Rússia fez editar mais uma publicação, *OS PROBLEMAS DA INSURREIÇÃO*, da qual nos vamos valer para transcrição de alguns trechos mais significativos:

"A necessidade absoluta e o caráter inelutável da aplicação desta forma de ação revolucionária, numa determinada fase do desenvolvimento da luta de classes, de determinado povo, decorre diretamente de toda concepção da vida social, do papel do Estado como instrumento de dominação das classes e da concepção da ditadura do proletariado."

"A negação da sua necessidade, da luta armada contra as classes dominantes, conduziria, inevitavelmente, à negação da luta de classes, à negação da própria ditadura do proletariado e da revolução."

"Seria uma deformação do marxismo na sua essência. Ela não é um ato isolado, sem ligação com outros movimentos. Preparada por lutas anteriores, é uma continuidade orgânica da luta de classes."

"Qualquer tentativa do partido comunista local pró aumento salarial, redução de horas de trabalho, luta contra a guerra, contra a racionalização capitalista da produção, etc., deverá ser dirigida tendo em vista a mobilização das massas para a insurreição, forma suprema da luta de classes."

"Nossa época é a época das guerra imperialistas, das revoluções proletárias. Esta última é uma guerra. É a tomada do poder, que se aranca das mãos das classes dominantes pelas armas. É a forma suprema e fundamental da revolução proletária."

Como prepará-la, segundo a mesma fonte:

"Uma das tarefas fundamentais e primordiais, independentemente da situação política, é o problema da decomposição das **FORÇAS ARMADAS** e das **POLÍCIAS DO ESTADO BURGUEÊS**."

"Se elas, bem instruídas, dotadas de meios modernos de repressão, comandadas e servidas por excelente corpo de oficiais, se baterem contra a revolução, esta será reduzida a nada, mesmo que tenha condições de sucesso em outros setores."

"Embora realizando trabalho político, completo e eficiente, no período que preceder a eclosão da insurreição, o partido jamais contará

com a decomposição integral daquelas FÔRÇAS para conquistá-las para a revolução ou para neutralizá-las completamente. Determinados grupos ou unidades bater-se-ão contra ela.”

“Assim sendo, sua decomposição, sua “liquidação”, sua destruição só será possível pela luta física implacável. Acreditar no contrário será alimentar ilusões desprezíveis.”

Exemplo típico de decomposição, de decomposição pela morte, é a proclamação que TIMOSCHENCO dirigiu aos soldados poloneses, em setembro de 1939:

“Soldados!

Nestes últimos dias o Exército Polonês foi definitivamente destruído. Os soldados das cidades de TANNOPOL, GALICZ, ROWNO e DULNO, em número superior a 60.000 homens, acabam de passar, voluntariamente, para o nosso lado. O que vos resta? Porque lutais? Porque arriscais vossas vidas? Vossa resistência é inútil. Vossos oficiais vos conduzem a um massacre insensato. Vos odeiam e as vossas famílias. Eles fuzilaram os delegados que enviastes com propostas de rendição. Não acrediteis em vossos oficiais. São vossos inimigos. Querem a vossa morte.

“Soldados!

Matai os vossos oficiais e generais!

Desobedecei suas ordens. Expulsai-os de vossas terras. Passai, sem temor, para o nosso lado, para o lado dos vossos irmãos do EXÊRCITO VERMELHO, onde encontrareis estima e cuidados.

Lembraí-vos, que só o EXÊRCITO VERMELHO salvará o povo polonês desta guerra infeliz e, assim, tereis oportunidade de recomeçar vossa vida do tempo de paz.

Acreditai-nos. O EXÊRCITO VERMELHO DA UNIÃO SOVIÉTICA é o vosso único amigo.”

Este procedimento de um chefe militar, apelando para os mais baixos instintos do homem de tropa, é uma mostra eloquente da atmosfera moral da doutrina comunista da insurreição.

E porque esta atenção especial para a decomposição dos elementos de segurança do ESTADO?

É que eles, fatores da decisão, como reconhecem, recrutando elementos em tôdas as camadas sociais da nacionalidade — por isso mesmo, em contato direto com o povo — estão em permanente dilema: conservarem-se como guardiães dos valores tradicionais do país ou se tornarem na fonte, mesma, da insurreição.

Não é outro pensamento dos teóricos comunistas da insurreição, quando afirmam:

“Eclodida a insurreição, as FÔRÇAS ARMADAS e POLÍCIAS DO ESTADO BURGUESES oscilarão entre a revolução e a contra-revolução.”

“A intensidade desta oscilação irá depender, em última análise, da qualidade, da intensidade do trabalho que fôr realizado nas suas fileiras,

muito antes da criação da situação revolucionária que o partido comunista local tiver em vista.”

“Nestas condições, o trabalho que êle deve empreender, para decompô-las, assume importância excepcional.”

Ao encerrarmos estas considerações sobre a doutrina e a técnica da insurreição, não tenhamos ilusões.

O caminho que os comunistas desesperadamente procuram para execução dos seus planos sinistros é o da desunião, da desmoralização, da divisão das FÔRÇAS ARMADAS e POLÍCIAS, caminho que deve ser intransigentemente barrado.

ENTRE A LIBERDADE E A SERVIDÃO

Vivemos atormentados pela incerteza do amanhã, hora grave e conturbada.

Num mundo bipolarizado por concepções políticas, econômicas e filosóficas inconciliáveis, vemos, de um lado, um regime alicerçado no conceito materialista da vida, absorvente e rígido, dirigido pelo medo e por uma oligarquia fechada, que só vê diante de si duas possibilidades: sua conquista ou sua destruição total, num catastrófico ajuste final.

Do outro, um grupo de nações livres, tendo como fundamento comum a democracia. Grupo que aspira a uma paz garantida pelo direito, oferecendo como bases superiores e essenciais de ação política a colaboração, a confiança mútua, o respeito à palavra dada, a integridade da pessoa humana, num esforço perseverante para que o mundo possa ser uma realidade melhor do que o estado meramente policial de inspiração totalitária.

Colocados deste lado, pela força incoercível de nossas aspirações; nascidos e formados sob o signo da CRUZ, somos, reconhecidamente, um povo pacífico, sem pretensões de hegemonia ou veleidades imperialistas, desejosos de viver em harmonia com todos os povos.

Contudo, olhando do alto um panorama, uma conjuntura nacional, que certamente não convida ao repouso contemplativo e desprevenido, força é convir que entre o BEM e o MAL, entre o SIM e o NÃO, entre o SER ou NÃO SER, entre a LIBERDADE DEMOCRÁTICA e a SERVIDÃO HUMANA, entre a RELIGIÃO e o MATERIALISMO, apátrida, sanguinário e anticristão, não há, não poderá haver indecisões. A não ser que, por um comodismo deliberado ou por uma indiferença calculada, queiramos assistir à dissolução e à profanação dos nossos lares, ao aniquilamento do patrimônio espiritual e material herdado, pelos nossos maiores, à destruição do próprio futuro dos nossos filhos.

UNIÃO DE FÔRÇAS E IDÉIAS

Até agora, exceto breves períodos de mobilização da opinião pública, povo que somos de mais entusiasmo que perseverança, as investidas,

os ataques contra o edifício político-social construído pelos nossos maiores foram invariavelmente contidos pelas FÔRÇAS ARMADAS, como do seu dever.

Mas, esta luta, esta vigília de todos os dias, de tôdas as horas, não pode continuar a ser missão exclusiva da força, que não basta para persuadir, prevenir e evitar.

O espírito, o pensamento, as idéias-fôrças, enfim, quando movimentadas, orientadas e disciplinadas, mais poderosas do que a própria força sempre representaram papel fundamental na formação, evolução, manutenção e preservação da sociedade.

Contudo, idéias e opiniões não nascem na alma do povo por geração espontânea. Mister se faz dinamizar e mobilizar as forças espirituais que, embora latentes na nacionalidade, são dispersas e descoordenadas. Necessário é colocá-las em ação, convenientemente dirigi-las, na afirmação de uma democracia que viva principalmente de virtudes e de fé, de justiça e de civismo, de abnegação e de sacrifícios, de consciência e de deveres.

Uma democracia dinâmica que, sem demagogia ou intuítos eleitores, resolva, sem mais demora, os problemas angustiantes e básicos da nacionalidade; que erradique, de uma vez por tôdas, a moléstia, a ignorância e a miséria existentes em largos tratos do solo pátrio. Uma democracia vigilante que reprima os impulsos daqueles que querem a sua destruição.

Porque, afinal, democracia, como força de integração social, é luta, é combate. Ela tem o direito e o dever de opor uma barreira a tôdas as desordens contrárias às instituições basilares da sociedade, à sua natureza e aos seus fins.

“Quanto ela se esquia de distinguir o bem do mal, o justo do injusto, pretende ser neutra entre a ordem e a desordem e se dispõe a reconhecer, como legítimo, tanto o uso como o abuso da liberdade; quando cede perante pressões ilegítimas, permite desenvolver movimentos emocionais de massas desvairadas pelas paixões; deixa desafiar impunemente a sua autoridade por aventureiros e ambiciosos, é fatal avolumarem-se, como ondas alterosas, as reivindicações, as queixas, as exigências injustificadas, as ambições desmedidas propiciadoras das agitações sociais.”

Os encapuzados, acomodaticios, os colaboradores por interesse ou por complacência, os “PÔNCIOS PILATOS”, os que só cuidam da própria tranqüilidade e evitam todo esforço ou sacrifícios, que se compenetrem de que todo homem tem para com o País uma dívida de esforço: de que ninguém pode furtar-se, impunemente, aos encargos de cidadãos e alheiar-se aos destinos da Pátria comum.

Saibam que nada adiantará disfarçar duplicidade com ponderação, indolência na ação com prudência, fraqueza com bondade e, não raro, tolerância com complacência.

Que se lembrem que “cada um pode resolver e combinar, segundo sua fantasia, os grãos de areia da praia, mas, na hora da maré cheia ninguém a avança ou a retarda”.

PELO BRASIL SOBERANO E LIVRE

Meus camaradas!

Conta-se que o Rei da Prússia, FREDERICO GUILHERME, quando visitava escolas, formulava, invariavelmente, a seguinte pergunta: “Quem Somos?” E, qualquer que fôsse a resposta, replicava sempre: “Somos escravos, filhos de escravos e permaneceremos sempre assim, se não trabalharmos”

Que seremos? Perguntamos agora.

Seremos escravos e escravos serão os nossos filhos e netos, se nesta luta sem quartel pela nossa sobrevivência, se nesta encruzilhada de indecisões não escolhermos resolutamente o nosso caminho. Sim, infelizmente, seremos prêsa fácil dêsse inimigo que não veste uniforme, que não fala a língua do adversário, mas que está dentro da nossa própria casa; dêsse inimigo que trama na sombra o rompimento violento das nossas origens étnicas, religiosas, culturais e sentimentais e dêste estilo de vida, que representa para nós razão de existência, se, coesos e irmanados por um só ideal, não o enfrentarmos com destemor, antes que seja demasiadamente tarde.

E êste caminho só poderá ser o da manutenção e preservação de uma Pátria, democrática, livre, una e indivisível, Pátria que nunca conheceu e jamais conhecerá a opressão, a conquista e a tirania; um BRASIL soberano, inconquistável, insubmisso à “liquefação asiática”, nosso, inteiramente nosso. A chama de patriotismo, que iluminou os corações dos que tombaram na sinistra e sangrenta madrugada de 27 de novembro de 1935, é a mesma que nos ilumina, nos une e nos conduz.

Coopere com a A DEFESA NACIONAL, enviando-nos sua colaboração e sugestões.

A DEFESA NACIONAL pode atender seu pedido de números atrasados. Solicite-nos.

Coopere com A DEFESA NACIONAL, ampliando o número de seus assinantes.